

ESTUDO RETROSPECTIVO DE CASOS DE ESPOROTRICOSE RECEBIDOS NO MICVET-UFPEL NO PERÍODO DE 2007 A 2018

DENISE MALINSKI FIORESI¹; JOSÉ RAFAEL BATISTA XAVIER²;
STEFANIE BRESSAN WALLER²; ANGELITA DOS REIS GOMES²; RENATA
OSÓRIO DE FARIA²; MÁRIO CARLOS ARAÚJO MEIRELES³

¹Universidade Federal de Pelotas – denise.fiorese@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas- jraphaelvet@gmail.com;
angelitagomes@gmail.com; waller.stefanie@yahoo.com.br;
renataosoriovet@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas- meireles@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose causada por espécies patogênicas do Complexo *Sporothrix schenckii*, podendo acometer diversas espécies de animais e humanos (RODRIGUES et al., 2016). A forma de transmissão é através da inoculação do fungo na derme, podendo ser uma zoonose ou sapronose (RODRIGUES et al., 2016). As lesões podem se apresentar na forma cutânea fixa, linfocutânea e cutânea disseminada (MADRID et al., 2007).

O presente trabalho tem como objetivo realizar o levantamento dos casos ocorridos entre os anos de 2007 a 2018 no município de Pelotas, comparando as manifestações clínicas da esporotricose na espécie felina e canina.

2. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo retrospectivo descritivo, através da consulta e avaliação das fichas clínicas de casos confirmados de esporotricose, nas espécies canina e felina, do Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Micologia Veterinária da Universidade Federal de Pelotas, localizado na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, entre os anos de 2007 e 2018. Os dados obtidos foram tabelados e analisados no programa Excel[®] quanto a frequência e proporção entre os casos de felinos e caninos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo foi verificado um total de 288 felinos (80,7%) e 69 caninos (19,3%) diagnosticados com esporotricose, causada pelo *Sporothrix brasiliensis*. Corroborando o nosso achado, um estudo realizado no Rio de Janeiro entre 1998 e 2004, constatou que apenas 4% dos animais diagnosticados com esporotricose eram cães e 96% eram felinos (SCHUBACH et al. 2008).

Os felinos doentes são os principais transmissores da esporotricose, devido seus hábitos inerentes da espécie, de arranhar e comportamento territorial que leva a brigas constantes com outros animais, presente

principalmente nos machos não castrados (SCHUBACH et al., 2015; SILVA et al., 2015; SCHUBACH et al., 2006).

Na espécie canina, a doença ocorre principalmente em cães adultos (76,1%), machos (56,5%) e sem raça definida (61,7%). As lesões se apresentavam na forma localizada com maior ocorrência na região do focinho, extremidade dos membros e tórax, com tempo de evolução de aproximadamente três meses. Foi possível observar que o principal sinal clínico foram as lesões ulceradas (64,4%), seguido da presença de tratos drenantes (42,2%) e nódulos (32,2%), sendo que em alguns casos, o animal apresentava mais de um tipo de lesão.

Segundo SOUZA (2009) a forma mais comum de apresentação da esporotricose na espécie canina é a cutânea, com a presença de nódulos, áreas alopecicas e lesões ulceradas não dolorosas nem pruriginosas, localizadas principalmente no tronco, cabeça e orelhas, podendo apresentar também a forma cutâneo linfática .

Na espécie felina, foi possível observar a predominância da ocorrência em animais adultos (60,5%), sem raça definida (SRD) (94,2%), sendo em sua maioria machos (75,2%). As lesões se manifestaram principalmente de forma disseminada (64,1%), com tempo de evolução de até três meses em 57,9% dos casos verificados. A principal manifestação clínica foi a presença de úlceras (79,0%). Segundo ANTUNES et al. (2009) os felinos podem apresentar as formas cutânea fixa, caracterizada por lesões que ulceram centralmente e drenam exsudato castanho-avermelhado, linfocutânea (menos comum) e cutânea disseminada. A forma disseminada é decorrente da disseminação do fungo via hemátogena ou linfática (SCHUBACH et al., 2015).

As lesões podem ainda se localizar na região cefálica, distal dos membros e na cauda, apresentando inicialmente nódulos e abscessos, que evoluem para úlceras, crostas e áreas necróticas (ANTUNES et al., 2009).

4. CONCLUSÕES

Neste estudo retrospectivo foi possível observar que a forma disseminada foi a mais frequente em felinos, e em caninos foi a forma cutâneo localizada. A doenças afeta mais machos adultos e o sinal clínico mais comum foi a úlcera em ambas espécies.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, T. A.; MEINERZ, A. R. M.; MARTINS, A. A.; MADRID, I. M.; NOBRE, M. O. Esporotricose (Mucose Gomosa, Mucose úlcero-gomosa, Doença das Roseiras). In: Meireles, M. C. A.; Nascente, P. S. (Org.). **Micologia Veterinária**. Pelotas: Ed. Universitária UFPel, 2009a. Cap.5, p.109-123.

BARROS, M. B. L. et al. Sporothricosis: an emergent zoonosis in Rio de Janeiro. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 96, n. 6, p. 777-779, 2001. Disponível em: <https://memorias.ioc.fiocruz.br/article/2552/sporotrichosis-an-emergent-zoonosis-in-rio-de-janeiro> Acesso em: 20 set 2020.

BRUM, Luciana Costa *et al.* Principais dermatoses zoonóticas de cães e gatos. **Clínica veterinária, dermatologia**, [S. l.], n. 69, p. 29-35, 1 jul. 2007.

Disponível em: <file:///C:/Users/denis/Downloads/Dermatosezoonotica.pdf>
Acesso em: 20 set. 2020.

J.N. Silva, S.R.L. Passos, R.C. Menezes, I.D.F. Gremião, M.P.T. Schubach, et al. Diagnostic accuracy assessment of cytopathological examination of feline sporotrichosis. **Medical Mycology**, 53 (2015), pp. 1-5

MADRID, Isabel Martins *et al.* Esporotricose óssea e cutânea em canino. **Braz. J. vet. Res. anim. Sci**, São Paulo, v. 44, n. 6, p. 441-443, 2007.

Disponível em:
<http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2876/Esporotricose%20%c3%b3ssea%20e%20cut%c3%a2nea%20em%20canino.pdf?sequence=1>

Acesso em: 16 set. 2020.

MOTA, Rinaldo Aparecido *et al.* Utilização indiscriminada de antimicrobianos e sua contribuição a multirresistência bacteriana. **Braz J vet Res anim Sci**, São Paulo, v. 42, n. 6, p. 465-470, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/denis/Downloads/26406-30677-1-PB.pdf> Acesso em: 20 set. 2020.

PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 16-23, 2017. Disponível em: <https://revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/36758/41346> Acesso em: 16 set. 2020.

RODRIGUES AM, HOOG GS, CAMARGO ZP. Sporothrix species causing outbreaks in animals and humans driven by animal-animal transmission. **Plos Pathog.** 2016; 12(7): 1 – 7. Disponível em: <https://journals.plos.org/plospathogens/article?id=10.1371/journal.ppat.100563> Acesso em: 28 set. 2020

ROSA, Cristiano Silva da. **Esporotricose felina e canina em área endêmica: epidemiologia e tratamento.** Orientador: Mário Carlos Araújo Meireles. 2017. 57 p. Tese (Doutor em Ciências, área de concentração: Sanidade Animal) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2017. Disponível em: http://quaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3959/1/tese_cristiano_rosa.pdf Acesso em: 19 set. 2020.

SOUZA, N.T. *et al.* Esporotricose canina: relato de caso. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, [s. l.], v. 61, n. 3, p. 572-576, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/abmvz/v61n3/08.pdf> Acesso em: 16 set. 2020.

SCHUBACH, Armando *et al.* Esporotricose epidêmica. **Pubmed.gov**, [S. l.], p. 129-33, 1 abr. 2008. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18317034/> Acesso em: 20 set. 2020.

SCHUBACH, T. M. P.; MENEZES, R. C.; WANKE, B. Esporotricose. In: **Greene, C. E. Doenças Infeciosas em cães e gatos.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. Cap. 61, p. 678- 684.

SCHUBACH, Tânia M P *et al.* Canine sporotrichosis in Rio de Janeiro, Brazil: clinical presentation, laboratory diagnosis and therapeutic response in 44 cases (1998-2003). **Pubmed.gov**, [S. l.], v. 44, p. 87-92, 2 fev. 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16805098/> Acesso em: 20 set. 2020.

SCHUBACH, TM, Schubach A, Okamoto T, Barros MB, Figueiredo FB, Cuzzi T, et al. **Canine sporotrichosis in Rio de Janeiro, Brazil:** clinical



presentation, laboratory diagnosis and therapeutic response in 44 cases (1998–2003). *Med Mycol.* 2006 Feb;44(1):87–92. pmid:16805098.

ROCHA, M. F. G.; SIDRIM, J. J. C. Drogas antifúngicas In: SIDRIM, J. J. C.; MOREIRA, J. L. B. Fundamentos clínicos e laboratoriais da micologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. Cap. 5, p. 36-44.